

MULHERES NEGRAS VIVEM MENOS



Em consequência da exclusão social que atinge às mulheres negras, não é só no mercado de trabalho que existe desvantagem, elas acabam tendo menos chance de usufruir de uma vida longa e saudável. Isso ocorre porque a população negra é a mais pobre e vive, muitas vezes, em locais sem acesso a infraestrutura básica, ficando mais

vulnerável a diversas doenças e formas de violências. Um agravante dessa situação é que as/os negras/os têm mais dificuldades de acesso à políticas de promoção, prevenção e assistência a saúde. Esse quadro leva as mulheres negras a terem 25% a menos de chance de chegar aos 75 anos.

Fonte: Saúde da população negra no Brasil (2002)

Racismo é crime! Onde denunciar?

Disque 156 (tecle a opção 7): Denúncia de racismo ou injúria racial;

Ouvidoria Nacional da Igualdade Racial: (61) 2025-7001;

Disque 100: Para Denunciar Violações de Direitos Humanos

<http://denuncia.pf.gov.br/>: Para denunciar crimes contra os Direitos Humanos cometidos pela internet;

190: Polícia Militar

A violência que não se esconde

Sabemos que no ambiente doméstico ocorrem muitas formas de violência contra as mulheres, mas nem sempre as agressões acontecem "as escondidas". No Brasil a violência em ambiente público, tendo como agressor o atual ou o ex-companheiro, atinge 3,7% das mulheres brancas e 7,6% de mulheres negras, mais que o dobro.

Esta situação nos mostra que a violência contra as mulheres negras é mais exposta, pois a imagem dessa mulher ainda inspira menos cuidado e a violência contra ela gera menor enfrentamento do que quando as mesmas formas de violência atingem as mulheres brancas.

Fonte: IPEA, Dossiê Mulheres Negras (2013).

Associação das Trabalhadoras Domésticas de Campina Grande

R. Supino Colaço, 28, São José
Tel.: 9302-1579/ 8875-6863



HORÁRIO DE ATENDIMENTO:

Segunda a Sexta
das 13h30 às 17h30

SERVIÇOS OFERECIDOS

- Assessoria jurídica;
- Distribuição gratuita de materiais educativos e informativos;
- Cursos de qualificação;
- Formação sobre direito do trabalho e violência contra a mulher.



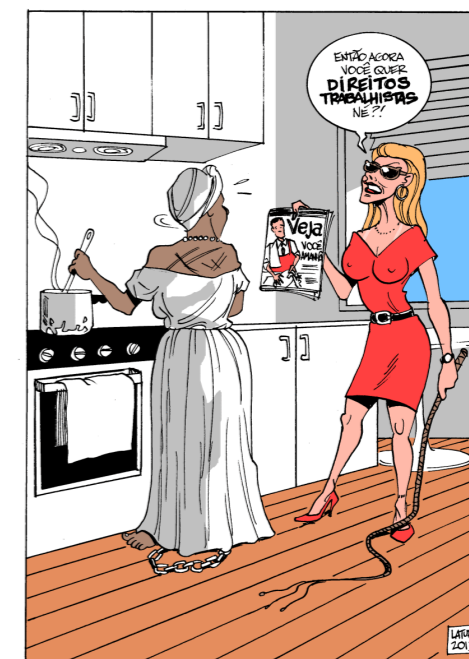
CAMPANHA PELA
VALORIZAÇÃO
do TRABALHO
DOMÉSTICO
NA LUTA POR DIREITOS,
IGUALDADE E RECONHECIMENTO

EDITORIAL

A edição nº 15 do Informativo Dignidade e Cidadania traz como tema "RACISMO E TRABALHO DOMÉSTICO NO BRASIL" em alusão ao dia 20 de novembro, dia da Consciência Negra, que faz referência à luta da população negra brasileira por justiça social e contra todas as formas de preconceito e discriminação. Esta data é significativa na agenda de lutas das mulheres negras, que compõem a maioria da categoria das/os trabalhadoras/trabalhadores domésticas/os, pois o racismo ainda se configura como uma das grandes barreiras enfrentadas pela categoria, herança de uma cultura escravocrata que foi vivenciada no Brasil e continua a impor às trabalhadoras domésticas situações de exclusão e negação de direitos, por isso, a luta por um trabalho doméstico decente está diretamente ligada a luta contra o racismo.

Esta publicação é uma ação do Projeto "Trabalhadoras Domésticas na Luta por Valorização, Igualdade de Direitos e Autonomia", em convênio firmado com a Secretaria de Políticas para as Mulheres – SPM – e parceria com a Associação das Trabalhadoras Domésticas de Campina Grande, Fundo Brasil de Direitos Humanos e Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas – FENATRAD.

RACISMO E TRABALHO DOMÉSTICO NO BRASIL



20 de Novembro

No dia 20 de Novembro é comemorado o Dia da Consciência Negra, no Brasil esta data foi escolhida em homenagem ao aniversário de morte de Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares, que dedicou a sua vida à luta contra a escravidão.

Em nosso país, o 20 de Novembro é também o dia que dá início à Campanha 16 dias de Ativismo pelo fim da violência contra a mulher, chamando atenção para a tripla discriminação sofrida pelas mulheres negras, baseada em exclusões de gênero, raça/etnia e classe social. Segundo dados do IPEA, mais de 60% das mulheres assassinadas no Brasil são negras, o que nos indica que as vítimas da violência no país além de sexo, tem cor.

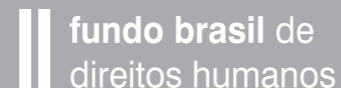


Textos: Alcione Ferreira da Silva, Franciele Santos, Mary Alves e Sheila Pessoa
Diagramação: Áurea Olimpia Figueiredo, Suzana Araújo e Thaynara Policarpo
Tiragem: 3.000 exemplares
Impressão: Gráfica São Matheus

Parceria:



Associação das Trabalhadoras Domésticas de Campina Grande



Apoio:

Secretaria de Políticas para as Mulheres



Racismo e Trabalho Doméstico no Brasil

DA ESCRAVIDÃO AO TRABALHO DOMÉSTICO

Durante o período de escravização no Brasil, o trabalho no interior das casas, seja de afazeres domésticos ou de cuidado com as pessoas especialmente crianças, era feito por escravizadas, até mesmo amamentar os bebês era uma função delegada às amas de leite, negras conhecidas por terem muito "leite materno". Essas mulheres que eram trazidas para dentro das Casas Grandes, enfrentavam jornadas e condições de trabalho, às vezes, menos degradantes do que as que eram exploradas nas grandes lavouras, porém estavam mais expostas a outros tipos de violências como a sexual.

Mesmo com o fim da escravidão, o trabalho de cuidar das crianças e dos serviços domésticos foram atividades que normalmente continuaram a ser destinadas às mulheres negras e pobres. Isso aconteceu, porque após a Abolição da escravidão, a população negra, empobrecida e sem muitas perspectivas de melhoria de vida se viu obrigada a voltar aos serviços que exerciam antes. Assim, muitas



mulheres deixaram de ser "escravas" da Casa Grande e passaram a ser empregadas domésticas.

Década após década, a sociedade foi criando novos mecanismos de exclusão às/aos negras/os, impondo barreiras para que elas/eles pudessem ter acesso a todos os direitos acessados por outros segmentos da população, isso explica um pouco do fato de, ainda na atualidade, as trabalhadoras domésticas não terem alcançado a plena equiparação de direitos trabalhistas.

A mão da limpeza

[...] Mesmo depois
de abolida a escravidão
Negra é a mão
De quem faz a limpeza
Lavando a roupa encardida,
esfregando o chão
Negra é a mão
É a mão da pureza
Negra é a vida consumida
ao pé do fogão
Negra é a mão
Nos preparando a mesa
Limpando as manchas do mundo
com água e sabão
Negra é a mão
De imaculada nobreza [...]

Gilberto Gil

MULHERES NEGRAS NO MUNDO DO TRABALHO

Você já percebeu que em muitas lojas, clínicas, empresas e outros espaços que geram empregos formais a maioria dos/as trabalhadoras e trabalhadores não são negras/os? Por outro lado, já se deu conta de que nos empregos mais precários que ainda não garantem acesso a todos os direitos trabalhistas, as/os negras/os, normalmente, são maioria?

É comum que nós pensemos que as escolhas que fazemos em relação às nossas profissões são fruto apenas dos nossos desejos, baseadas nos talentos que possuímos, mas na verdade quando nascemos à

sociedade capitalista, estruturada sobre o machismo e o racismo, impõe mais dificuldades para que as mulheres negras e pobres consigam ocupar os melhores espaços sociais.

Mas essas expectativas sociais de que as mulheres negras ocupem os trabalhos mais precários devem ser rompidas. Um caminho para isto é a luta por políticas públicas de enfrentamento às desigualdades sociais, para que as mulheres negras tenham as mesmas oportunidades, que outros grupos têm de

ocuparem os diferentes espaços sociais (política, economia, educação, etc).

É importante também que haja ações efetivas de valorização dos postos de trabalho nos quais as mulheres negras são maioria, a exemplo do trabalho doméstico.

Fonte: Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (2013)

Racismo e Trabalho Doméstico no Brasil

MULHERES NEGRAS
NO TRABALHO DOMÉSTICO:
a cor da exclusão

No Brasil, as mulheres negras compõem 61,7% do total de trabalhadoras domésticas;

De cada 100 mulheres negras ocupadas no Brasil aproximadamente 22 são empregadas domésticas;

Em 2009, 340 mil meninas estavam, em situação de trabalho doméstico infantil, destas 233 mil, 68,5%, eram negras;

Entre as mulheres negras que são trabalhadoras domésticas, 75,6% não têm carteira assinada. Esse percentual é de 69,6% entre as mulheres não-negras.

Fonte: <http://www.oitbrasil.org.br> (2013)

O TRABALHO REPRODUTIVO NÃO É
IGUAL PARA TODAS AS MULHERES

O trabalho reprodutivo, aquele realizado nos lares sem remuneração, responsável pelo cuidado com as pessoas e a moradia, apesar de muito importante para o bem-estar das pessoas e o bom funcionamento de toda a sociedade, dificilmente é reconhecido.

Este trabalho na atualidade ainda é apresentado como responsabilidade quase exclusiva das mulheres, que acabam sendo sobrecarregadas com múltiplas jornadas de trabalho. Essa situação coloca as mulheres em situação de desigualdade em relação aos homens que podem dispor de mais tempo.

Porém, as relações desenvolvidas no trabalho reprodutivo também apresentam diferenças entre as próprias mulheres. Você já percebeu que muitas mulheres de classe média, normalmente brancas, empregam mulheres mais pobres como trabalhadoras domésticas e estas geralmente são negras?

As mulheres empregadoras podem diminuir sua sobrecarga ao não realizarem o trabalho reprodutivo, destinando o uso do seu tempo para a realização de outros projetos pessoais ou profissionais.

Nessa situação, o trabalho reprodutivo continua sendo responsabilidade das mulheres, mas não é vivido de maneira igual para todas elas.

Fonte: Relações de gênero, raça, classe social no Brasil e na França (2013).

VOCE
SABIA?

"O salário médio da trabalhadora negra continua sendo a metade do salário da trabalhadora branca. Mesmo quando as escolaridades são idênticas, a diferença salarial gira em torno de 40%."

Fonte: Observatório Quilombola (2014)